

A PERFORMATIVIDADE DOCENTE DO PROFESSOR GILLES DELEUZE

The teaching performativity of professor Gilles Deleuze

Christian Fernando Ribeiro Guimarães Vinci
USP

Resumo: Procuraremos pensar com esse trabalho a especificidade da performance docente de Gilles Deleuze. Tomando como vetor relatos esparsos acerca de suas aulas, abordaremos a concepção de ensino de filosofia forjada pelo filósofo francês ao longo do exercício de sua atividade docente. Deleuze, em suas aulas, optava por seguir uma linha pedagógica muito distante daquela consagrada pelas academias, adotando como aporte privilegiado para expressar o seu pensamento – bem como o de outros filósofos – o espaço literário ao invés da história da filosofia. Visando acentuar a especificidade do trabalho professoral de Deleuze, propomos contrapor sua postura docente com a de outro importante filósofo, Immanuel Kant. Tal comparação demonstra-se possível uma vez que o tema sobre a impossibilidade de ensinar ou aprender o filosofar é algo em comum a ambos os pensadores, embora sejam filósofos que se encontram em campos de pensamento distintos. Apesar da distância, ambos os pensadores concordam que o filosofar não é algo da ordem da imitação, mas sim da criação. O intuito com tal trabalho de pensamento será o de sugerir algumas problematizações para se pensar o tópico ensino de filosofia.

Palavras-chave: Gilles Deleuze. Afecção. Performatividade. Ensino de Filosofia. Espaço Literário.

Abstract: With this work, we seek think the specificity of the teaching performance of Gilles Deleuze. Taking as vector scattered reports of their classes, we discuss the philosophy of teaching concept forged by the French philosopher during the year of his educational activity. Deleuze, in his classes, chose to follow a very distant pedagogical line that consecrated by the academies, adopting as privileged contribution to express his thoughts - as well as other philosophers - the literary space instead of the history of philosophy for example. In order to emphasize the specificity of professorial work of Deleuze, we propose counteract his teaching position with another important philosopher, Immanuel Kant. This comparison shows is possible since the theme of the impossibility of teaching or learning the philosophy is something common to both thinkers, although they are philosophers who are in different fields of thought. Despite the distance, both thinkers agree that philosophy is not something of the order of imitation, but of creation. The aim with this work of thought will be to suggest some problematizations to think about the topic of teaching philosophy.

Keywords: Gilles Deleuze. Afeccion. Performativity. Teaching Philosophy. Literary Space.

Introdução

Durante mais de dez anos, todas às terças-feiras, repetia-se uma mesma cena em Vincennes – região em que se situa a renomada Universidade *Paris VIII* –, um mesmo ritual: o professor Gilles Deleuze chegava a sua sala de aula, deparando com um mar de estudantes ávidos para assistir seus seminários, e calmamente ia adentrando ao recinto, cumprimentando a todos, até chegar à mesa - aquela altura, tomada por uma infinidade de gravadores. Dirigia-se docemente aos presentes: “você são gentis. Sinto prazer em ver que há tanta gente, mas eu preciso de pelo menos um lugarzinho para colocar meus livros”. Conquistado seu espaço, Deleuze costumava contar uma mesma história enquanto ia dispondo seus livros e folhas de anotação sobre a mesa: “Vejam só, hoje ia falar com vocês sobre Spinoza, mas eis que no caminho para cá acabei trocando de malas com um senhor sentado no mesmo vagão que eu e cuja mala era muito similar à minha. Enfim, ia falar sobre Spinoza, mas agora terei que improvisar sobre Proust, uma vez que este era o livro que aquele senhor lia... Imaginem sua surpresa ao deparar com um tratado de Spinoza. De qualquer modo, tentarei trabalhar com Spinoza, apesar de ter em mãos somente esse velho volume de Proust”¹.

Essa cena, cercada de casualidade e dada ao imponderável, não era inocente. O autor de *Diferença e Repetição*, tão avesso às aglomerações e reuniões, preparava cuidadosamente suas aulas, sobretudo sua entrada desajeitada em sala. Cada movimento era previamente estudado e ensaiado, cada cena visava envolver seu público. Seus alunos, daí em diante, prestavam atenção aos mínimos movimentos do professor Deleuze: vislumbrando um pensamento “prestes a se expressar” (Dosse, 2010, p. 291). Ora, que força era essa emanada do professor Deleuze e qual seu intento? Atentemos para o seguinte fato, o pensamento expresso no gesto mais casual desse docente, por meio de uma espécie de performatividade, não parece se prestar a

¹ Os relatos sobre as aulas ministradas por Gilles Deleuze foram publicados em fontes diversas, utilizamos aqui aqueles publicados na bibliografia escrita por François Dosse (2010).

levar seus ouvintes a acessarem uma constatação lógica, antes afectá-los². Estamos diante de uma nova concepção do ensino de filosofia, visando finalidades nada ortodoxas.

Deleuze procurava em seus seminários suscitar um efeito de estupefação e encantamento, ao invés de auxiliar seus alunos na elucidação de um difícil trecho da *Ética* spinozista ou outra obra qualquer. Uma liturgia harmoniosa, capaz de emocionar seu público a tal ponto que era possível falar de Spinoza, Bergson ou mesmo Sartre por meio de – ou com o auxílio de – Proust ou Kafka ou Castañeda, sem necessidade de maiores explicações ou sistematizações. O interesse de Deleuze, podemos afirmar, era fomentar um sentimento mais do que um conhecimento, fomentando uma nova experiência de pensamento, afetiva e não exegética, sendo a literatura um campo fértil para tanto. Há, no campo literário, certos procedimentos ou ideias cuja similaridade com alguns sistemas de pensamento é latente. Obviamente que não devemos descartar as especificidades próprias de cada campo, literatura e filosofia lidam com as ideias de maneira diferente, ainda que compactuando uma inquietação similar.

Dessa maneira, poder-se-ia dizer que, tendo em vista a anedota supracitada, o professor Deleuze consegue enxergar em Proust uma inquietação, um problema, similar àquele presente no sistema spinozista e uma solução diferente dada por cada um desses autores. Resgatar a obra proustiana, contudo, não significa tomá-la como exemplo ou ilustração do pensamento de Spinoza, visando torná-lo mais palatável, mas atravessar a obra deste autor com uma afecção presente naquele – no caso, o encontro intensivo com a arte tomada como um *afecto* alegre. Desse encontro, emerge um estranhamento. O estudante de filosofia, por exemplo, acostumado em

² O conceito de *afecto* com o qual trabalharemos nesse artigo remete à obra de Spinoza, de acordo com a leitura desta feita por Gilles Deleuze. De acordo com o autor *de Spinoza: filosofia prática* há três dimensões constitutivas desse conceito, quais sejam: a) referente aos modos, as modificações finitas (corpos, ideias etc.) da substância infinita definidas por Spinoza como objetos capazes de serem afetados; b) designam o que acontece corpóreo-intelectualmente aos modos; e, por fim, c) *afectado* envolve o dever, modificações tristes ou alegres dos modos. Em resumo, nossa existência é limitada pela de outros modos e estes, assim como nós, possuem a capacidade de serem *afectados* e *afectar*. Nesse campo relacional, a *afecção* pode ser triste, levando a despotencialização do indivíduo até sua completa aniquilação, ou alegre, potencializando nosso existir (Deleuze, 2002).

lidar com seus autores prediletos por meio da leitura de longos compêndios de comentários, acaba por perder toda e qualquer referência e, para se localizar nesse universo distante do chamado rigor científico, necessita criar novas conexões cognitivas, experimentar o pensamento em outra chave. O professor Deleuze, entretanto, não coloca isso a nu aos seus estudantes, não escreve sobre sua metodologia ou argumenta acerca de seus objetivos. Destarte, defendemos que esse fomento a um pensamento outro passa pela *performatividade docente* do professor Deleuze.

O intento desse artigo será ensaiar uma reflexão acerca dessa performatividade, tomando como diretiva a filosofia deleuzeana e sua relação com o campo literário – espaço de encontro intensivo capaz de tirar o pensamento de seu estupor característico³. Entendendo que Deleuze sempre procurou tecer comentários acerca da história da filosofia, uma vez que seu ofício – como gostava de salientar – era o de professor de filosofia, propomos analisar brevemente sua concepção acerca de seu ensino. Seguiremos com uma análise de um outro estilo docente muito influente, almejando marcar as diferenças em relação a essa concepção deleuzeana, recorrendo à obra/vida de Immanuel Kant. Marcada essa diferença, retomaremos ao *corpus* teórico deleuzeano para pensar a literatura como um dispositivo capaz de engendrar o pensar, atentando para seu local no interior da concepção pedagógica de Deleuze. Justificamos a importância desse trabalho tendo em vista que almejamos discutir um tema sensível não apenas para aqueles interessados no tópico ensino de filosofia, mas a todos educadores, qual seja: haveria a possibilidade de fomentar em sala de aula uma outra relação com o conteúdo programático das disciplinas envolvendo filosofia ou, em outros termos, seria crível fomentar em nosso alunado uma relação com sistemas filosóficos diversos que não passe pela mera repetição automática de comentários sobre? Poderíamos ensinar o filosofar ou, pelo contrário, estaríamos fadados à interpretação textual apenas?

³ Para Deleuze o pensamento não se dá em um fluxo contínuo, sua produção depende de um encontro com um signo capaz de gerar estranhamento/afecção. A literatura poderia, dessa forma, assumir-se enquanto signo, força intensiva. Para uma discussão aprofundada da concepção deleuzeana acerca do pensar ver Zourabichvili (2004), sobre a concepção de signo ver Deleuze (2010)

Gilles Deleuze, professor de filosofia.

Há uma longa discussão sobre a possibilidade ou impossibilidade de se formar filósofos, de modo que uma dúvida paira sobre todos aqueles egressos dos cursos superiores de filosofia em nosso país: seria eu de fato um filósofo e, mais, estaria habilitado a ensinar o filosofar? Dúvidas que fazem eco a um antigo debate, apresentado a seguir. De um lado, há autores que defendem o filosofar como um trabalho restrito ao gênio, impossível de ser ensinado, cabendo ao professor de filosofia ensinar o sistema de pensamento elaborado por um ou outro autor; de outro, um grupo mais numeroso pregando que o filosofar é sim acessível a todos, podendo estar ou não atrelado ao ensino da história da filosofia. Essa última vertente comporta inúmeras subdivisões, enquanto aquela possui sua maior expressão na obra de Immanuel Kant para quem só seria possível ensinar a história dos usos da razão, jamais o ato de filosofar em si – uma vez que este exigiria um esforço imaginativo restrito aqueles poucos detentores do gênio. O professor Gilles Deleuze está muito distante de todo esse debate.

Em primeiro lugar, convém esclarecer, para Gilles Deleuze a filosofia não serve para nada. O autor de *O Que é a Filosofia?* chegou a argumentar:

Não há nenhuma necessidade de filosofia; esta é forçosamente produzida aí onde cada actividade consegue criar a sua linha de desterritorialização. Há que sair da filosofia, fazer não importa o quê, para poder produzi-la a partir do exterior. Os filósofos foram sempre outra coisa, nasceram de outra coisa. (Deleuze; Guattari, 2010, p. 93)

A filosofia, de acordo com o filósofo francês, define-se por uma tarefa apenas: a criação conceitual. Esta envolve um trabalho singular, o qual apenas o filósofo pode empreender. Entretanto, conforme apontamos acima, para Deleuze o trabalho do pensamento está atrelado a um encontro com um signo. Portanto, o filósofo é aquele cujo sistema de pensamento depende de seu contato com um exterior, um fora da filosofia capaz de perturbá-lo ao ponto de levá-lo a uma experimentação radical dos

modos de conceber o mundo e, assim, produzir uma criação conceitual. O contato com outros possíveis, interpretações e imagens de mundo as mais variadas, são fundamentais para possibilitar a criação de um pensamento original, característico daquele ser denominado filósofo. Filosofar, portanto, é um verdadeiro trabalho criativo.

Essa mudança na experiência do filosofar não decorre de uma falência da ideia de filosofia enquanto sistema – tal como defendido por Jürgen Habermas (2002) –, mas de uma (sua) complexificação: criação de conceitos, personagens conceituais e traçado de um plano de imanência com auxílio, ou através, de sua abertura ao encontro com outros campos criativos, tais como a arte e a ciência. Gera-se, assim, a possibilidade de uma conversa infinita com autores/problemas exteriores ao circuito discursivo próprio ao campo filosófico.

Ainda que essa interpretação soe democrática, pois para formar filósofos bastaria agenciarmos um encontro, Deleuze argumenta sobre a dificuldade em ter uma ideia. Ora, essa não advém de qualquer esbarrão com um espaço do fora, ao contrário, exige espreita e, mais, uma gradiente de intensidade. O encontro com um signo intensivo capaz de forçar o pensamento não ocorre a qualquer um, necessita de um observador astuto e perspicaz (Deleuze, 2010). Para além dessa carência, tornar-se filósofo exige viver com intensidade o conceito inventado, sendo esta a tarefa característica do ofício filosófico. São estas as lições ensinadas por homens como Spinoza e Nietzsche, pois ambos colocaram à prova o sistema de pensamento oriundo do encontro intensivo que vivenciariam. Ou seja, não apenas criaram um ou outro conceito, mas os vivenciaram com tal intensidade ao ponto de ser possível afirmar que esses autores chegaram ao limite de inventar um modo de vida outro. Sobre esse aspecto, argumenta Deleuze: “O filósofo se apropria de virtudes ascéticas – humildade, pobreza, castidade – para fazê-las servir a fins totalmente particulares, inusitados, na verdade muito pouco ascéticos. Ele faz delas a expressão de sua singularidade”. (2002, p.9)

Os fins inusitados apontados pelo autor implicam na criação conceitual, mas essa não está a serviço da elaboração de uma moral, tomando o exemplo dado por Spinoza, ou seja, um conjunto de regras práticas para todo e qualquer vivente. Ao contrário, essa apropriação – aqui entendida como um encontro intensivo – envolve uma criação singular, única ou, em suma, uma ética.

Um breve parêntese, o espaço literário possui uma primazia no interior dessa concepção, uma vez que ele fornece modelos de virtudes ascéticas únicos. Vide o caso de Kafka]. As virtudes ascéticas trabalhadas pelo autor tcheco foram apropriadas por Gilles Deleuze e seu parceiro Félix Guattari e transmutadas em uma coisa outra: uma discussão sobre política (Deleuze; Guattari, 2014). A discussão apresentada em *Kafka: por uma literatura menor* segue a linha desenvolvida pela dupla francesa em trabalho precedente, *O Anti-Édipo*, justamente aquela obra outrora apontada por Michel Foucault como um trabalho ético. Portanto, uma apropriação deveras filosófica. Há uma criação singular operando nessas obras, fruto de um encontro com o campo literário ou psicanalítico, cujo produto é uma força disruptiva e intensiva capaz de engendrar formas de vida, um sistema filosófico por excelência. Fim do parêntese.

A questão que permanece em aberto em Deleuze é: seria possível ensinar ou aprender essa difícil arte? Ora, ao mesmo tempo em que encontramos no sistema deleuzeano uma definição precisa do que é a filosofia, aquele seu elemento definidor, também nos deparamos com um sentimento de que sua concretização é quase impossível. Estaria Deleuze, assim, próximo da concepção kantiana, com a diferença de que ao invés de defender o filosofar como resultado de um trabalho de gênio acaba por apontá-lo como um trabalho dependente do acaso, oriundo de um encontro intensivo e raro? Na tentativa de esboçar uma resposta a tal questão convém explorarmos melhor a posição Kantiana sobre o filosofar antes de partimos para uma análise dos encontros deleuzianos, tendo como foco sua relação com o espaço literário.

Filosofando com o grande Kant.

Gilles Deleuze possuía toda uma liturgia em suas aulas, porém o filósofo Immanuel Kant não ficava atrás, nem o podia: afinal, tratava-se do homem que se atrasou apenas duas vezes em toda sua vida e cujos hábitos eram tão regrados que, reza a lenda, as donas de casa da pequena cidade de Königsberg acertavam seus relógios quando Kant saía para passear solitariamente – evitando conversar, pois era fundamental respirar somente pelas narinas.

Quando Kant sentava-se à mesa, sempre com alguns ilustres convidados, buscava entretê-los com assuntos dos mais diversos, em sua maioria extraídos da filosofia natural, da química, da meteorologia e, sobretudo, da política (De Quincey, 2011). Cada assunto a ser discutido era anotado em uma caderneta logo pela manhã, esta ficava ao lado do filósofo que a consultava com frequência – para evitar repetir um assunto ou fugir em grandes devaneios que demandassem juízos apressados. O ponto alto do almoço, porém, era quando entrava na discussão acerca das notícias relatadas pelos jornais locais, momento em que era possível aos convidados do grande Kant, vê-lo pensar: cada nota passava previamente por uma análise rígida e cuidadosa antes de ser discutida com todos à mesa.

Apresentado assim, Kant se parece mais com um jornalista da época do que com o autor da *Crítica da Razão Pura*, seu almoço soa para nós algo um tanto monótono. Porém, Thomas De Quincey em seu *Os Últimos Dias de Immanuel Kant* diz que o grande filósofo, sempre atento à falta de atenção que seus convidados poderiam demonstrar, possuía uma destreza ímpar para reacender-lhes a atenção:

Sempre inventava alguma coisa outra para reacender o interesse; e nisto era bastante ajudado pelo tato com que explorava os gostos peculiares de cada convidado ou os detalhes específicos de sua profissão; e relativamente a esses, fossem eles quais fosse, nunca estava despreparado para falar com conhecimento de causa e com interesse de um autêntico observador (De Quincey, 2011, p. 17)

Tanta destreza e conhecimento no trato de uma gama tão variada de assuntos faziam com que ser convidado para um almoço em companhia do grande Kant fosse motivo de orgulho. Quantos homens poderiam se gabar de ver um grande espírito

filosofando em sua frente? Imaginem o que era poder observá-lo falar sobre os mais variados assuntos: do *cogito* ao alto preço do trigo.

No decorrer do relato de De Quincey vemos um sujeito emitir uma gama enorme de juízos, sobre os mais diversos assuntos e fatos. Sem dúvida que tantas análises emitidas em uma monótona liturgia, eram capazes de impressionar os que ouviam o grande Kant, mas não representavam o trabalho de um verdadeiro filósofo!

Longe disto, o filósofo, nos diria Kant, é aquele que recusa o espírito imitativo, o pensar mecânico, e torna-se capaz de dar suas próprias regras ao filosofar – tal como o artista impõe regras à arte (Kant, 2005). Em suas aulas, Kant trabalhava a longa história da filosofia, buscando mostrar aos seus alunos que o filósofo é antes de qualquer coisa, um legislador da razão. Ensinava a história da filosofia, pois a única coisa possível de ser ensinada era uma filosofia, ou seja, um sistema como o cartesiano por exemplo; uma vez que o filosofar em si era algo ligado a uma capacidade que poucos possuem: o gênio.

Enquanto Kant crê que só é possível pensar dentro da própria filosofia, aliando o conhecimento desse campo com uma capacidade subjetiva; Deleuze está aberto para a criação oriunda de outras searas, sobretudo o literário, e acredita ser possível pensar a partir do encontro de campos distintos. O que vemos, portanto, são duas atitudes frente ao pensar: uma aberta e imanente e outra fechada e transcendente; aquela ligada a uma possibilidade e esta, a uma capacidade. Duas atitudes que poderíamos chamar de distantes, mas que se aproximam na compreensão da filosofia como um ato criativo.

Ora, argumenta Kant, só deve receber o nome de filósofo aquele capaz de aliar habilidade e sabedoria: entendendo esta como o conhecimento oriundo de árduos estudos filosóficos e aquela como uma capacidade que o levaria a criar algo inteiramente novo a partir dos mesmos. Conhecer uma filosofia, qualquer um o pode, uma vez que “é possível aprender filosofia sem ser capaz de filosofar” (Kant, 2011a, p. 40), mas o filosofar cabe àqueles poucos capazes de utilizar sua razão de forma livre.

Exatamente por esse motivo o professor Kant, em seus cursos, dizia a seus alunos:

Todo pensador filosófico constrói, por assim dizer, sua obra própria sobre os destroços de uma obra alheia; mas jamais se erigiu uma que tenha sido estável em todas as suas partes. Não se pode aprender Filosofia já pela simples razão que ela ainda não está dada. E mesmo na suposição de que realmente existisse uma, ninguém que a aprendesse poderia se dizer filósofo; pois o conhecimento que teria dela seria sempre um conhecimento tão somente histórico-subjetivo (Kant, 2011a, p.43)

Filosofar exige a consideração de todos os sistemas filosóficos precedentes, tendo em vista se tratar de uma “história dos usos da razão”, mas isto ainda é insuficiente, pois é preciso mais para ser um bom filósofo: um olhar mais aguçado para o método que nos utilizamos, em detrimento das proposições que lançamos. Por não ser algo da ordem da imitação é que o filósofo pensa sobre ruínas, os sistemas filosóficos que aprendeu de nada lhe servem, a não ser como uma base, modelos capazes de impulsioná-lo para o além. O filósofo, contudo, não deve repetir o método criado por outrem e aprendido em suas lições de história, para não cair em um mecanicismo, tampouco repetir suas análises, antes deve conhecer seu sistema para poder melhor julgá-lo e, visto que não há um sistema que seja “estável em todas suas partes”, buscar melhorá-lo ou abandoná-lo. Em suma, a criação de um novo método analítico definiria o filósofo.

Poder-se-ia afirmar que aqui vigora o lado criativo da filosofia kantiana. Criatividade esta que talvez o aproximasse da concepção deleuzeana, não fosse o fato de Kant entender que qualquer elemento criativo envolvendo o pensar é fruto do trabalho de gênio e não de um encontro. O filósofo deve ser aquele, inclusive, capaz de evitar todo e qualquer salto criativo que não derive do gênio – a crítica serve aqui de baliza para esse trabalho.

Ao fim, a impressão que Kant pode deixar aos seus convidados e alunos é sempre a desse legislador da razão, o homem que põe em prática o que pensou ao emitir juízos analíticos sobre este ou aquele assunto – ele pode legar um modelo, mas

não pode ensinar o que é próprio ao seu filosofar, o que é próprio ao seu gênio. O caráter doutrinal de sua filosofia impedia que ele assumisse seu lado criativo, em toda sua potência, e colocasse o gênio sobre duras amarras: evitava qualquer encontro fortuito, capaz de levar seu pensamento às mais altas considerações e criações.

Amarras que o impediam, portanto, de ter qualquer contato com algo que fosse capaz de violentar seu pensamento. Diante de seus convidados, cabia apenas lançar análises pragmáticas, sem nunca deixar espaço para que este lado um tanto transcendental, que o leva ao filosofar, viesse à tona. Isso explique, talvez, porque tão duras regras impostas a si mesmo: reger seu cotidiano de tal forma que não haja espaço para o seu Gênio, para que este não se mostre, e para que sua filosofia não deixe de se submeter à razão prática – essa monótona e normativa razão que pouco espaço cede à criação.

Perdendo tempo com o professor Gilles Deleuze: o performativo.

Diante deste aterrador quadro kantiano acerca do filosofar, poderíamos ficar um tanto descrentes de nossa capacidade criativa e da possibilidade de que um dia venhamos a nos tornar filósofos – ou ao menos algo digno deste nome. Porém, não há motivos para desespero, eis que basta um simples gesto para nos tirar da letargia criativa imposta pelo gênio, uma simples constatação: a de que “não somos nós que sabemos alguma coisa, mas é antes de tudo um certo estado de nós” (Deleuze; Guattari, 1991, p. 18).

Dessa maneira, em Deleuze vislumbramos um importante deslocamento: do sujeito dotado de uma *capacidade* para o filosofar, esse “nós” que tudo sabe *a priori*, saltamos para uma circunstância fortuita – um acontecimento – que abriria uma *possibilidade* para o filosofar, um “certo estado de nós”. Filósofo não é aquele que crê ser senhor de sua obra, tomando-a como resultado de seu gênio, mas aquele que percebe o quão alguém está dela! Não somos “sujeitos de enunciação”, não somos esse ente que se apodera de um conhecimento e, com muita habilidade, põe-se a

filosofar. O signo é nosso senhor, ele nos arranca violentamente do estado em que nos encontramos e nos leva a procura de uma verdade (Deleuze, 2010).

A discussão sobre os signos empreendida por Deleuze é importante, não apenas pelo flerte com o campo literário empreendido pelo filósofo francês, mas também por nos permitir pensar a importância de certa performatividade. Kant, por exemplo, sempre colocou barreiras e duras regras à sua existência, isso não o impediu de elaborar um sistema filosófico de grande estatura, contudo, o poder *affectivo* de sua obra é de outra ordem.

Em comparação com a *Crítica da Razão Prática* de Kant, *Proust e os Signos* de Deleuze demonstra-se uma obra menor, de pouca rigidez e mais próxima do ensaio literário. Ainda que pareçam de ordens muito diferentes, impossíveis de comparação, prestam-se a pensar os limites do conhecimento. Em Deleuze, contudo, esse limite é fácil de ser transposto, bastando um encontro com um dos muitos signos que habitam o mundo e presentes em abundância na obra proustiana, por exemplo. Para Kant, ainda, ter consciência do limite e atuar no interior do pensável é importante por possibilitar a emissão de juízos claros e objetivos – fundamentais para alcançarmos a paz –; Deleuze, por sua vez, crê que a invenção de um mundo outro, uma nova experiência política e social, exige transpor os limites impostos ao pensamento, atuar nas dobras do pensável. Por esse motivo, talvez, Kant pouco discutiu literatura, enquanto Deleuze era entusiasta dela.

O espaço literário comporta mundos de muitas ordens, uma massa amorfa de possibilidades que dependem do leitor para tomar uma forma. O contato com a experiência de vida do leitor é fundamental para o “acontecer” de uma obra literária, grávida de sentidos. Por isso, a literatura para Deleuze é emissora de signos, pois nos levam a pensar, a criar. Sua relação com o campo literário não se limitou a análise de certas obras, mas a captura de um seu modo de operar. O professor Gilles Deleuze, talvez sem o saber, performava a emissão de signos proustiano em suas aulas, visando criar no espaço pedagógico algo da ordem de uma obra de arte.

O professor Gilles Deleuze, homem bondoso – mas não desprovido de manias -, buscava ensinar aos seus alunos a “arte dos encontros”. Suas aulas, pensadas como um “movimento musical”, eram apaixonantes. Uma assídua ouvinte chegou a dizer, quando indagada porque frequentava as aulas de Deleuze, “o senhor sabe, ele me ajuda a viver” (Dosse, 2010, p. 294).

Era nesse movimento que Deleuze ensinava, calmamente, entendendo que “cada grupo aprende o que lhe convém. Não é tudo que convém a qualquer um”. Sua fala buscava emocionar seus ouvintes, uma vez que “se não há emoção, não há inteligência, nenhum interesse, não há nada” (Deleuze, 2009, p. 183). Diferente do neurótico Kant, Deleuze aparece como um homem amável, estonteante, alguém que se individualiza pelos signos que traz consigo ou emite. O signo, em Deleuze, não é uma mera reunião de um conceito com uma imagem acústica, como querem os linguistas, tampouco um mero indício, antes diz respeito à uma situação ou um encontro intensivo capaz de gerar um deslocamento de sentimento/lembrança/pensamento – daí a importância de Proust, com suas reminiscências evocadas pelo consumo de um bolinho, na obra de Deleuze (2010). O signo não é imaterial, embora comporte uma dimensão intensiva não apreensível à olho nu, mas decorre de uma situação concreta, de um encontro extensivo. Não há signos, mas algo ou alguém devém signo para outrem, há, portanto, uma performatividade inerente a este. Reside nessa performatividade deleuzeana, na emissão de signos singulares, o poder de conduzir seus alunos a um trabalho de pensamento ímpar, algo da ordem de uma experimentação vital, ao invés da apreensão de um comentário sobre um sistema de pensamento. Mas, como isso ocorre em uma aula de Deleuze? O professor Deleuze limitava-se a ensinar história da filosofia, mas sempre de maneira pouco usual. Spinoza através de Proust, Kant por meio de Castañeda etc.

A relação do autor de *Diferença e Repetição* com a história da filosofia convém ser lembrada, uma vez que dúbia. Ora, Deleuze criticava duramente o ensino da história da filosofia, era um conhecimento opressor que impedia as pessoas de

pensarem por sua conta; ora, era algo fundamental, pois possibilitava o contato com um sistema de pensamento intensivo. O problema, talvez, jamais tenha sido a história da filosofia em si, mas a maneira pela qual era ensinada. Ou seja, para Deleuze, talvez faltasse àquele que ensinava um sistema de pensamento certa emissão de signos, uma performatividade. A história da filosofia na boca de Kant servia apenas para a exegese, traçado de um comentário extenso e pormenorizado de um dado sistema filosófico, já na de Deleuze servia a um outro intento: produzir uma ascese por meio de seu avizinhamo com algo exterior à filosofia, provocando estranhamento e produzindo o pensar. Disso decorre a predileção do filósofo francês por tratar grandes sistemas de pensamento à luz de obras literárias.

Na tentativa de decifrar o mundo emitido pelo professor Deleuze, muitos talvez pensassem em lançar-lhe uma pergunta, esclarecer um ou outro ponto, mas isso não era possível: Deleuze recusava-se a responder quaisquer perguntas, estas deveriam ser encaminhadas através de bilhetinhos que seriam respondidos no início da próxima aula. Que angústia devia recair sobre aqueles jovens enamorados, ao perceberem os signos mentirosos emitidos pelo ser amado e o mundo que os excluía.

Poderíamos desistir de assistir seus cursos, espernear até receber a atenção do professor, mas isso não nos levaria a lugar algum. Era necessário passar por tudo isso. Havia a necessidade de perder tempo com esse amor – assim como perder tempo com o álcool e com seus trabalhos monográficos, como o demonstra a biografia do próprio Deleuze (Dosse, 2010) –, pois senão, não aprenderíamos. O próprio professor Deleuze assim o diz:

Quando pensamos que perdemos nosso tempo, seja por esnobismo, seja por dissipação amorosa, estamos muitas vezes trilhando um aprendizado obscuro, até a revelação final de uma verdade desse tempo que se perde. Nunca se sabe como uma pessoa aprende; mas, de qualquer forma que aprenda, é sempre por intermédio de signos, perdendo tempo, e não pela assimilação de conteúdos objetivos (Deleuze, 2010, p.21)

Lógico que é decepcionante a perda de tempo, os longos semestres sem uma resposta direta, sem sequer um olhar, mas é um tempo importante. A decepção, diz Deleuze, é um momento fundamental da busca ou do aprendizado:

Em cada campo de signos ficamos decepcionados quando o objeto não nos revela o segredo que esperávamos (...). Poucas são as coisas não decepcionantes à primeira vez que as vemos, porque a primeira vez é a vez da inexperiência, ainda não somos capazes de distinguir o signo e o objeto: o objeto se interpõe e confunde o signo (Deleuze, 2010, p.32)

Tentamos compensar a decepção com compensações subjetivas, partimos para análises rigorosas dos textos do ser amado, suas incongruências e faltas. Essa cadeia de associação subjetiva, como tentativa de compensar a decepção causada, nos leva a enterrarmo-nos até o pescoço no “velho estilo” e soltar um rol de denúncias: faltam bases sólidas na discussão filosófica apresentada; isso é uma mera experiência estética; falta rigor e sistematização etc. (Habermas, 2002). Ora, temos de entender que a filosofia imanente proposta por Gilles Deleuze exige uma criação, recusando qualquer valor transcendente, devemos aceitar que “o sentido é uma entidade não existente” (Deleuze, 2009b). Ou seja, o sentido nada mais é do que a relação de uma proposição com um problema que ela visa responder, criado por ela própria (Zourabichvili, 2004, p.40).

Criamos um sentido e, por conseguinte, nós mesmos nesse processo. O pensamento aqui se encontra com seu fora, não um fora transcendente, mas com aquilo que o faz ser “afetado e que o problema que o habitava até então é deixado de ser seu, ainda que continue afetando-o negativamente. O pensamento, no contato com o fora, está em devir: devem outro e luta contra aquele que ele cessa de ser” (Zoubarichvili, 2004, p.80-81). Eis que todos os signos emitidos pelo professor Deleuze, por fim, convergem para um signo da arte: foi preciso aprendê-los para que pudéssemos criar, para que se atingisse o devir oriundo de tal criação.

Esse outro filosofar, nos podemos agora dizer, é um filosofar “menor”: não exige sujeito, objeto, sentido e, muito menos, gênio. Para se chegar a ele é preciso encontros, somente isto. Não descartamos a dificuldade que é ter tais encontros, mas

através de uma sensibilização que nos arraste para (o) fora é possível atingi-lo. As aulas do professor Deleuze assim o queriam. Cada pequeno gesto, fala e ordenação de suas aulas, prestou-se a produzir encontros. Disso talvez decorra o fato de que seus cursos eram sempre os mais lotados, embora muitos argumentassem pouco entender sobre os filósofos dos quais aquele singular professor tratava. Por que assistiam seus cursos, então? Ajudava-os a viver ou, em outras palavras, a pensar.

Considerações Finais

As diferentes performatividades docentes trabalhadas nesse artigo, a de Kant e a de Deleuze, comportam visões de mundo muito diferentes. Não é nosso intento apontar uma melhor e outra pior, não cremos que algo dessa ordem possa vir a ajudar alguém. Antes, procuramos ressaltar que afectos podem advir de diferentes e, por vezes, singelos gestos. Num tempo em que padecemos de paradigmas e horizontes para inspirar nosso trabalho, cada vez mais nos furtamos a lidar com a burocracia docente e com parâmetros estrangeiros – as tão difamas avaliações externas –, convém apenas lembrar a alegria inerente a essa nossa tão sofrida profissão e que hoje parece simplesmente perdida. As aulas de Gilles Deleuze portavam um pouco dessa felicidade, inspiravam e eram como uma espécie de ar puro para muitos de seus alunos. Talvez aqui resida o mistério pedagógico.

O conteúdo programático, obrigatório, tem de ser questionado. Obrigatório por qual motivo e para qual finalidade? Tempos atrás procuramos fomentar o cidadão crítico, posteriormente procuramos formar o cidadão responsável, o quão próximo chegamos desses horizontes não se sabe. A questão é que padecemos cada vez mais de uma espécie de insalubridade docente (Camargo, 2012), uma vez que nossas esperanças em relação aos objetivos almejados pela educação parecem mais e mais distantes. Diante desse cenário, temos aceitado cada vez mais nos submeter aos currículos pré-fabricados e afundamos nas burocracias impostas ao docente. Contudo, talvez ainda reste uma força para além de qualquer conteúdo, restrito ao singelo espaço da sala de aula, como bem o demonstrou a *performatividade docente* do

professor Gilles Deleuze. Um singelo gesto capaz de mudar algo, por meio da emissão de signos fazer emergir novas políticas e, por que não, possibilitar a criação de um mundo novo. Discretas esperanças.

Referências

CAMARGO, Danilo Alexandre F. de. *O Abolicionismo Escolar: reflexões a partir do adoecimento e da deserção dos professores*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.

QUINCEY, Thomas De. *Os Últimos Dias de Immanuel Kant*. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2011.

DELEUZE, Gilles. “A literatura e a vida”. In: _____. *Crítica e Clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997,

DELEUZE, Gilles. “Lettre à Uno sur le langage”. In: _____. *Deux Régime de Fous: text et entretiens 1975-1995*. Paris: Les Éditions de Minuit, 2003.

DELEUZE, Gilles. *Curso sobre Spinoza (Vincennes 1978-1981)*. São Paulo: FFLCH, 2009.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. Trad. Luiz Orlandi, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do Sentido*. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2009.

DELEUZE, Gilles. *Proust e os Signos*. Trad. De Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DELEUZE, Gilles. “O esgotado”. In: _____. *Sobre o Teatro: um manifesto de menos/o esgotado*. Trad. Fátima Saadi, Ovídio de Abreu e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010b.

DELEUZE, Gilles. *Spinoza: filosofia prática*. Rio de Janeiro: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *O que é a Filosofia?* São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. "Secret de fabrication: nous deux". In: *Liberation*, Paris, 12 september, 1991. p. 17-19.

DOSSE, François. *Gilles Deleuze & Félix Guattari: Biografia cruzada*. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2010.

HABERMAS, Jürgen. *Pensamento Pós-Metafísico: estudos filosóficos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

KANT, Immanuel. *Crítica da Faculdade de Juízo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

KANT, Immanuel. *Lógica*. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2011a.

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. Lisboa: Fundação Calouste Goubenkian, 2011b.

MACHADO, Roberto. *Deleuze, a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 2009

ZOURABICHVILI, François. *Deleuze Uma filosofia del acontecimiento*. Trad. Irene Agoff. Buenos Aires: Amorrortu, 2004.

Mestre em Educação (USP)

Integrante do CoPERP

E-mail: christian.guimaraes.vinci@gmail.com